

LEITURA E INFÂNCIA: A ESCRITA DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA PARA CRIANÇAS (1937 – 1948)

READING AND CHILDHOOD: LÚCIA MIGUEL PEREIRA'S PRODUCTIONS TO CHILDREN (1937 – 1948)

LECTURA E NIÑEZ: LA ESCRITA DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA A LOS NIÑOS (1937 – 1948)

Aline Santos Costa de Lemos¹

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza²

Resumo: Este estudo visa compreender a inserção de Lúcia Miguel Pereira na produção literária para crianças, a partir da análise de dois contos, tomados como as fontes para este estudo de configuração documental. Observou-se distanciamentos e aproximações quando da conformação das personagens. Ademais, o estudo também busca compreender as concepções de criança e infância apresentada nos dois contos da escritora.

Palavras-chave: Lúcia Miguel Pereira; contos infantis; infância.

Abstract: This paper aims to understand the insertion of Lúcia Miguel Pereira in the children's literary production, through two short stories, taken as sources of this documental study. It was observed some distance and some approximations regarding the characters. In addition, the study also seeks to understand the conceptions of child and childhood presented in the writer's two short stories.

Keywords: Lúcia Miguel Pereira; children's short stories; childhood.

Resumen: Este trabajo busca comprender Lúcia Miguel Pereira en la producción literaria para los niños, a partir del análisis de dos cuentos, tomados como las fuentes para este estudio de configuración documental. Se ha observado distanciamientos y aproximaciones en la creación de los personajes. Además, el estudio también busca comprender las concepciones de niño e infancia presentadas en los dos cuentos de la escritora.

Palabras clave: Lúcia Miguel Pereira; cuentos infantiles; niñez.

Introdução

O presente estudo nasceu da curiosidade das autoras em se observar a inserção de Lúcia Miguel Pereira na produção literária para crianças à luz de dois contos voltados para este público. O primeiro conto se intitula “A fada menina”, de 1939, e sua escolha se deve ao fato de ter sido premiado em segundo lugar no concurso de contos infantis promovido pela Comissão Nacional de Livro Infantil. O segundo, cujo ano de publicação avança pouco mais de dez anos em relação ao primeiro conto, se intitula “Memórias de um cachorro” e foi publicado em uma revista chamada *Vida Infantil*. Trata-se de um romance infantil contado por meio de contos que se dividem entre alguns meses de publicação. Contudo, nos limites deste trabalho, nos ateremos ao primeiro capítulo da história, que faz parte da edição nº 13, de novembro de 1948.

¹ SMEC – Itaguaí; Faculdade Fernanda Bichieri (FABEL); GRUPEEL (CNPq/UERJ).

² Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAP-UFRJ); Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Este trabalho pode ser justificado pela sua originalidade, não só em relação à produção infantil de Pereira, como também em relação às fontes. Lança-se mão de duas fontes diferentes, sob suportes diferentes – um livro e uma revista – para se pensar aproximações e distanciamentos no que concerne à escrita da autora para crianças, com especial ênfase da composição das personagens.

Desta forma, a metodologia deste estudo segue configuração documental, sendo que as fontes utilizadas fazem parte dos acervos pessoais das autoras: *A Fada Menina* se apresenta em sua versão física, ao passo que *Vida Infantil* faz parte do acervo de imagens de uma das pesquisadoras. Importa destacar que *Vida Infantil* encontra-se sob guarda da Seção de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), o que faz com que esta seja o principal local de pesquisa do referido material. As imagens fazem parte de um arquivo pessoal, mas foram tiradas com a devida autorização da FBN, quando da pesquisa de mestrado de uma das autoras.

As questões motivadoras que inspiraram a escrita deste artigo são: qual o teor dos contos infantis de Lucia Miguel Pereira? Que concepção de infância e de criança os contos apresentam? Que distâncias e proximidades existem entre os dois contos? Para tanto, as contribuições de Almeida (2016) nos ajudarão a compreender a escrita de Pereira e sua contribuição para a literatura infantil. O arcabouço teórico também se suporta Chartier (2011) ao problematizar a ideia de público leitor ideal e real, compreendendo que se tratava de artefatos culturais pensados para um público-alvo bastante específico: crianças.

Por fim, o artigo está dividido em três partes: a primeira se intitula “A criança e a infância em *A Fada Menina*” e se debruça no livro *A Fada Menina*, observando a conformação dos personagens, com especial ênfase em Dora, a protagonista. A segunda parte, intitulada “*Memórias de um cachorro: romance em revista*”, busca não só tratar do conto em tela, como também apresentar a revista aqui utilizada como objeto e fonte, e local de observação da atuação de Lúcia Miguel Pereira no contexto de uma revista para crianças; e, por fim, a última parte apresenta algumas considerações finais à luz das discussões trazidas no texto.

A criança e a infância em *A fada menina*

Escrito em 1936 e destinado ao concurso de Livros da Comissão Nacional de Literatura Infantil (CNLI), o livro “*A Fada Menina*” conta a história da menina Dora que tem o poder de se transformar na Fada Rosa Violeta (a fada das bonecas). Em suas aventuras, a menina se depara com outra criança, cuja realidade social difere da sua. O menino João busca abrigo ao fugir da casa de seus patrões, após ser acusado injustamente de roubar joias da família. A personagem Dora, então, além de acolher o menino, procura elucidar o caso das joias, provando a inocência de seu novo amigo. Em sua empreitada, a menina transforma-se novamente na fada Rosa Violeta e conta com a participação de personagens do folclore brasileiro, como a Iara e o Saci Pererê.

À época do concurso lançado pela CNLI, o livro ganhou em segundo lugar no concurso de livros infantis para crianças entre 7 e 10 anos. Em pareceres da Comissão, o caráter fantástico da história narrada foi exaltado pelos avaliadores. A avaliação dos livros foi feita a partir de certos critérios estabelecidos pela Comissão. O grupo, então, estabeleceu predicativos para os livros destinados às crianças, que serviram tanto para avaliar os livros do concurso, quanto para avaliar livros em circulação no país, que poderiam ou não ser recomendados pela CNLI (que o fazia em nome do Ministério da Educação e Saúde). A seguir, é possível observar a avaliação feita pela educadora Elvira Nizynska da Silva, em seu parecer de apreciação dos livros infantis enviados para o concurso, cujo resultado foi divulgado em 1937: “*A Fada Menina* e *A Terra dos Meninos Pelados* são livros feitos com a finalidade de atender às exigências do maravilhoso nessa idade. São fantasias deliciosas. Exploram situações provenientes de fuga da realidade para um país maravilhoso que imaginam as crianças [...]” (SILVA, 1937, p. 1).

Criada no ano de 1936 pelo então Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, a Comissão Nacional de Literatura Infantil reuniu escritores e educadores de projeção à época. Assim, foram convidados a participar da Comissão, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Maria Junqueira Schmidt, José Lins do Rego, Elvira Nizynska da Silva e Manoel Bandeira. Após a saída de Cecília Meireles e Maria Schmidt, participaram da CNLI o educador Lourenço Filho e a escritora Maria Eugênia Celso.

Com a intenção de promover, via Estado, a literatura voltada para crianças, os integrantes da CNLI produziram uma série de artigos, pareceres e fichas avaliativas voltada para a apreciação dos livros infantis, tanto os que concorriam ao concurso proposto, quanto para os já existentes e que circulavam no Brasil. Os discursos sobre o livro infantil desenvolvidos no âmbito da CNLI apresentavam a preocupação com a escrita de livros “sob medida” para o público infantil. Isso significava a preocupação tanto com os aspectos materiais (devendo esses livros terem formato cômodo para “mãos infantis”, letras em formato médio e uso de linguagem coloquial acessível aos pequenos leitores) quanto com aspectos “literários” (presença de elementos fantásticos, a criança como protagonista, a presença de elementos que fossem de interesse para as crianças).

Assim, esses intelectuais apresentavam uma proposta de literatura centrada naquilo que concebiam por criança. De maneira geral, a CNLI levava em consideração as fases de desenvolvimento psicossocial das crianças, aproximando-se, assim, dos debates educacionais promovidos pelo movimento da Escola Nova. Não era por menos que na Comissão houvesse alguns representantes desse movimento: Cecília Meireles, Elvira Nizynska da Silva e Lourenço Filho.

Além da escrita de livro e contos infantis, a escritora Lúcia Miguel Pereira também escreveu artigos sobre o livro para crianças (ALMEIDA, 2016). Nesses escritos, Pereira defendia o uso da imaginação nos livros infantis, bem como mostrava-se crítica aos excessos de moralismo comuns a esse tipo de literatura à época. Na perspectiva da escritora – que se aproximava das ideias preconizadas pela Comissão Nacional de Literatura Infantil – os livros para criança deveriam levar em consideração as especificidades de seu público leitor, apresentando linguagem simples e clara; os elementos fantásticos e as ilustrações também deveriam fazer parte dos livros literários infantis.

Em *A Fada Menina*, a personagem Dora é descrita como uma menina pequena, gordinha e de cabelos pretos, curtos e ondulados. Contudo, ao se transformar em fada, adquire cabelos longos e louros, além de olhos azuis, ficando irreconhecível. No que se refere às suas atitudes, Dora aparece como travessa, muitas vezes, desobedecendo aos pais; e, ao mesmo tempo, doce e amorosa, capaz de atos de bondade, como ajudar o menino João. Sempre acompanhada de seu cachorro de estimação, de nome Fiel, a menina passava o dia brincando, fosse com suas bonecas ou explorando o quintal da casa. Nesse sentido, Lúcia Miguel Pereira apresenta duas perspectivas de infância e de criança. De um lado, a menina Dora, de família abastada (o que se pode supor pela quantidade de brinquedos que possui), de outro, o menino João, órfão, que se vê obrigado a trabalhar para se sustentar. As personagens infantis do livro, assim, teriam como objetivo representar crianças reais, tendo atitudes infantis, típicas de sua idade – ainda que, em certos momentos, Dora pareça ter uma maturidade além de sua idade (um exemplo é o momento final da história, quando seus pais vão à casa dos patrões de João para esclarecer o caso das joias).

Vale ressaltar que, ainda que criticasse certos aspectos do livro infantil, durante os anos de 1930 e 1940, Lúcia Miguel Pereira era fruto de seu tempo (como todo sujeito histórico) e, diante disso, percebe-se em seus livros infantis marcas sociais desse período. Uma dessas marcas sociais estaria, por exemplo, na associação de Dora a expectativas em relação à menina/mulher naquele período: a preparação para ser mãe e exercer papéis femininos (ALMEIDA, 2016). Tal papel de gênero atribuído às mulheres, na história, pode ser vislumbrado tanto nas brincadeiras de boneca, quanto na forma como Dora cuida de João (conseguindo comida para ele, escondendo-o e ajudando-o a resolver seu problema). Ao mesmo tempo, Dora rompe com

a ideia da “criança boazinha”, sempre obediente aos adultos. A dimensão educativa do livro infantil, assim, permanece presente no livro da escritora. Embora criticasse o excesso de moralismo nos livros infantis, a autora constrói uma história na qual, ao fim ao cabo, a personagem principal age sempre com boas intenções, procurando ajudar aos outros, mesmo que, para isso, tivesse que desobedecer aos seus pais.

Memórias de um cachorro: romance em revista

“Memórias de um cachorro” faz parte da revista infantil mensal *Vida Infantil*. O romance em destaque era de autoria de Lúcia Miguel Pereira e era contado por meio de diversos capítulos, o que, em certa medida, facilitava a leitura por parte da criança, uma vez que havia poucas páginas por edição, e o que, também, buscava gerar expectativa e “fidelidade” por parte do leitor mirim. *Vida Infantil* foi uma revista publicada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, no âmbito do Distrito Federal, à época, atual cidade do Rio de Janeiro, de 1947 a 1960. A Sociedade Gráfica Vida Doméstica foi fundada em 1920, por Jesus Gonçalves Fidalgo, e era também responsável por outras duas revistas: *Vida Doméstica*³ (1920-1963) e *Vida Juvenil*⁴ (1949-1959).

Salienta-se o fato de *Vida Infantil* ter sido objeto e fonte de análise no âmbito da dissertação de mestrado de uma das autoras e, a partir das pesquisas empreendidas naquele momento, foi possível observar a configuração híbrida da revista, tendo como pilares a diversão, a educação e a instrução de seus pequenos leitores, conforme o lema apontado pela revista no subtítulo da edição nº 14, de dezembro de 1948:

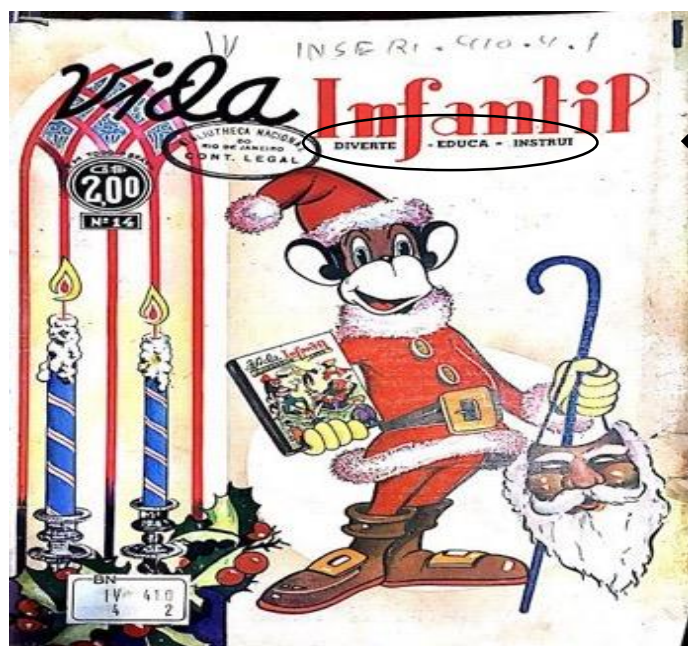


Figura 1: Capa *Vida Infantil*, n. 14 – Fonte: *Vida Infantil*, 1948

³ *Vida Doméstica* foi uma revista brasileira que circulou mensal (posteriormente, quinzenal e semanalmente), cuja sede se localizava no Rio de Janeiro e era voltada para o público feminino. Circulou no país entre 1920 e 1963. Mais informações, ver: **Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos** *Jornal das Moças*, *Querida* e *Vida Doméstica* nos anos 1950. 2011. 170f. Dissertação de Mestrado em Educação, de Liana Pereira Borba dos Santos, pela Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

⁴ *Vida Juvenil* configura a pesquisa atual de uma das autoras, no âmbito do doutorado. As análises preliminares apontam que a revista circulou mensalmente entre 1949 e 1959 e era voltada para jovens de ambos os sexos, também em idade escolar.

Assim, no mestrado (SOUZA, 2019), foi possível observar esse hibridismo à luz de algumas colunas selecionadas. Com vistas à análise do caráter instrutivo da revista, pôs-se luz em “História do Brasil para Crianças”, seção alimentada pelo professor Carlos Marinho de Paula Barros e que podia ser localizada no âmbito da revista em todas as suas edições, o que denota a relevância atribuída a tal conteúdo e, também, ao intelectual responsável por ele⁵. Já o caráter de diversão e entretenimento dos leitores ficava a cargo das várias Histórias em Quadrinhos (HQs) observáveis, com especial ênfase em “Lourolino e Remendado”⁶. O viés educativo, por sua vez, podia ser notado nos diferentes espaços da revista, indo desde seções com este teor anunciado até seções voltadas ao “puro” entretenimento – nota-se, por exemplo, que “Lourolino e Remendado”, ainda que tivesse o perfil de uma HQ, era composta de conteúdo do campo da História do Brasil. Para além dessas seções, *Vida Infantil* também era composta de conto e romances, como “Memórias de um cachorro”. Contudo, por conta dos limites impostos em uma pesquisa de mestrado, esta parte do periódico não pôde ser observada. Este estudo surge, então, como uma maneira inicial de dar conta de certas lacunas que ficaram da dissertação, o que justifica, em partes, a sua escrita.

Deste modo, a análise de “Memórias de um cachorro” também se justifica por ser mais um elemento a se pensar acerca dos objetivos propostos pelos editores de *Vida Infantil*, de modo a se considerar de que maneira o texto se aproximava ou se distanciava do que era publicado no âmbito da revista. Observe a primeira página do material:



Figura 2: Capítulo I “Memórias de um cachorro” – Fonte: *Vida Infantil*, 1948, p. 61

O romance é contado a partir do ponto de vista do cachorro da família, Tatuí, e narra as aventuras de seis crianças: Paulo, João, Miguel, Ana, Luiza e Cecília. No primeiro capítulo, Tatuí conta o dia em que a família se mudou para um sítio e, lá, comprou um burro, chamado de “Brinquinho”. Tatuí não gostava de Brinquinho e, mesmo tentando alertar à família “dos perigos” do burro, ninguém lhe dava atenção. Em determinado dia, Paulo, “o mais velho e mais sem juízo”, decidiu montar no burro e, de repente, o burro saiu galopando, saltou e caiu em cima do telhado da cozinha. Não houve tragédia, mas acabaram mentindo aos pais, quando questionados sobre o que

⁵ Historiador, professor, pintor e poeta belenense. Passou grande parte da vida no Rio de Janeiro, tendo se dedicado ao mundo das Letras, sendo o autor de diversas obras da literatura brasileira, tais como *Muiraquitãs* (1928); *Calendário* (1930); *Iraporanga* (1931); *Laguna* (1943); *Legenda de Glória* (1950); *Maranduba* (1950); e *O Romance de Villa-Lobos* (1951). Em sua maioria, trata-se de livros de poemas e/ou de romances. Porém, o último é uma biografia.

⁶ Ainda que se trate de uma HQ, buscava-se, tal como “História do Brasil para Crianças”, ensinar história. Note-se que os protagonistas eram retratados como “historiadores” e “testemunhas da História do Brasil” (SOUZA, 2019).

havia acontecido. Ana, por ideia de Tatuí, alegou que não sabiam o que tinha acontecido, pois todos estavam brincando no galinheiro. A criançada, então, acabou saindo “ílesa” da situação. Por fim, Brinquinho foi vendido e Tatuí voltou a ser o único animal da família.



Figura 3: A família em “Memórias de um cachorro” – Fonte: *Vida Infantil*. 1948, p. 65

Para além do texto escrito, as imagens também se mostram profícuas na compreensão das intenções propostas. Note-se na figura 3 a representação de uma grande e família, provavelmente compreendida como a família brasileira modelar. A respeito dos elementos que extrapolam o texto escrito, Genette (2009) ajuda a pensar no aspecto paratextual que acompanha todas as páginas do primeiro capítulo. Na concepção do autor, os paratextos são essenciais na constituição do impresso, visto que estes dão forma e vida ao texto. Isto significa dizer que é praticamente impossível pensar um livro, por exemplo, nos moldes atuais, sem levar em consideração os seus elementos estéticos, tais como a capa, a contracapa, as orelhas, o prefácio, as ilustrações, dentre outros. Todos estes elementos, aparte ao texto (miolo), são entendidos como periféricos e complementares. No entanto, são eles que dão ao impresso a possibilidade de garantir visibilidade na vida social, facilitando seu consumo diante do público leitor. Em outras palavras, o paratexto é um importante mecanismo pelo qual um texto toma forma, tornando-o visível para o público leitor. Além disso, a partir das imagens torna-se possível compreender, em partes, o público ideal (CHARTIER, 2011) visado pelos editores de *Vida Infantil*. Observe:



Figura 4: Personagens masculinos em “Memórias de um cachorro” – Fonte: *Vida Infantil*, 1948, p. 63

Como se nota pela ilustração, os três irmãos são retratados como meninos brancos, magros, de cabelo liso/ondulado, o que, em certa medida, poderia ser compreendido como representação do público-leitor esperado pela revista. Nesse sentido, ao longo do primeiro capítulo da narrativa, a família é retratada como uma família abastada, haja vista a compra de um sítio, cuja “casa era muito grande cercada por um belo jardim ainda maior” (PEREIRA, 1948, p. 61). Além disso, as crianças são retratadas como devidamente alfabetizadas e escolarizadas, como no seguinte trecho: “...se não fosse eu, a criançada toda, que já **andava na escola e sabia ler**, se deixaria apanhar com a boca na botija...” (PEREIRA, 1948, p. 66, grifos nossos).

Do mesmo modo, as meninas são representadas como brancas, magras e de cabelo liso/ondulado:



Figura 5: Personagens femininas em “Memórias de um cachorro” – Fonte: *Vida Infantil*, 1948, p. 63

O romance não se debruça, com maior profundidade, nas características psicológicas dos personagens. Contudo, representa, de maneira geral, as crianças como sendo “travessas”, “desajuizadas”, “brincalhonas”, “atrapalhados” e “íngratos” (em relação ao cachorro, que os ajudava a sair de suas traquinagens). Vale ressaltar, porém, que Ana é destacada como uma menina “muito esperta” e “inocente”.

Apesar de o primeiro capítulo não focalizar aspectos psicológicos dos personagens, de maneira geral, a mãe das crianças é retratada como uma mulher branca, magra, inocente e tranquila. Note:



Figura 6: Representação de mãe em “Memórias de um cachorro” – Fonte: *Vida Infantil*, 1948, p. 64

Ao observar a imagem, é possível perceber, ainda, o aspecto “maternal” da mulher, aparentemente calma, de aspecto submisso e responsável por atividades femininas e “do lar”, como coser. Assim, texto e imagem são capazes de conformar alguns dos ideários defendidos não só por Pereira, como também pela revista que veiculava tal material. Espera-se, enfim, que tenha sido possível apresentar, ainda que de maneira breve, a inserção de Pereira no âmbito de uma revista voltada para o público infantil, por meio de uma produção que compunha um impresso híbrido, cujos objetivos eram conformados à luz das colunas que veiculava.

Considerações finais

A análise de ambas as obras de Lúcia Miguel Pereira, então, aponta para algumas considerações relevantes. Em um primeiro momento, observa-se a preocupação da escritora em escrever livros e contos sob medida para as crianças. Assim, há maior ênfase nos elementos fantásticos, como animais falantes, fadas e personagens do folclore brasileiro. Outra estratégia para alcançar o público destinatário presumido se faz sentir na linguagem objetiva e na presença de uma narrativa próxima ao gênero aventura. Ainda que reconhecesse a importância dessas estratégias para alcançar seu público leitor, não podemos perder de vista o debate no qual Pereira estava inserida, fosse a partir de textos críticos ou de textos literários voltados para o público infantil.

Tanto em *A Fada Menina*, quanto no conto “*Memórias de um cachorro*”, a literatura infantil não perde a dimensão educativa. De forma muitas vezes sutil e indireta, Lúcia Miguel Pereira colocava seus personagens em situações em que valores morais da época eram exaltados. Assim, a menina Dora agia com benevolência, mesmo que, para isso, precisasse desobedecer aos pais. Já em *Memórias de um cachorro*, a mãe das crianças é descrita como uma mulher tranquila, benevolente, tal qual se esperava dos papéis sociais exercidos pelas mulheres. Do mesmo modo, no segundo conto, o cachorro Tatuí age de forma leal aos seus donos, ajudando as crianças a se livrar dos castigos, após alguma traquinagem.

Torna-se ainda fundamental ressaltar que as crianças protagonistas de ambas as obras eram brancas e pertencentes às classes mais abastadas ou médias. Esta, portanto, era apenas uma das infâncias possíveis no âmbito da sociedade brasileira do período. O menino João, órfão

acusado injustamente de roubar joias dos patrões, em *A Fada Menina*, embora seja da classe popular, não possui destaque na obra. Sua história parece ter sido construída para dar força à história de Dora, ressaltando as qualidades morais e nobres da personagem, que ajuda o menino a provar sua inocência. Assim, Lúcia Miguel Pereira volta-se para a representação de apenas um tipo específico de infância e de criança, que, ao ganhar as páginas do livro e do conto, ganham ares “generalistas”, seria, assim, uma infância idealizada.

Referências

ALMEIDA, Edwrigens A. R. L. Memórias de infância: o lugar da menina/mulher em *A fada menina*, de Lúcia Miguel Pereira. *Revista Areticum*, v. 14, n. 2, p. 25-35, 2016.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *A fada menina*. Porto Alegre: Editora Globo, 1937.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Memórias de um cachorro. *Vida Infantil*, Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda., ano 2, n. 13, p. 61-66, nov. 1948.

SILVA, Elvira Nizynska da. *Parecer de julgamento dos livros do concurso de literatura infantil*, 1937. CPDOC: FGV RJ: Arquivo Gustavo Capanema.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. *Divertir, educar e instruir: Vida Infantil (1947-1950)*. 2019. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

VIDA Infantil. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica, ano 2, n. 14, nov. 1948.

Sobre as autoras

Aline Santos Costa de Lemos. Professora de História da Secretaria Municipal de Itaguaí, RJ; Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Fernanda Bicchieri (FABEL/ Belford Roxo, RJ). Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ (PPGHIS/UFRJ) e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed/ UERJ). Desenvolve pesquisas na área de História da Educação, com especial ênfase em estudo da formação de leitores e história da literatura para crianças no Brasil.
E-mail: aline.s.costa.hist@gmail.com.

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza. Professora dos anos iniciais do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp/UFRJ). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed/UERJ) e bolsista de doutorado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em Educação pelo mesmo programa de pós-graduação (ProPed/UERJ). Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Letras Português/ Inglês pela Faculdade de Letras da

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do Grupo de Pesquisa "Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação" (GRUPEEL/CNPq/UERJ).

E-mail: marianaepss@gmail.com.